



Gaiato

9 DE SETEMBRO DE 1967
ANO XXIV — N.º 613 — Preço 1\$00

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: CASA DO GAIATO ★ PAÇO DE SOUSA FUNDAÇÃO: Padre Américo
PROPRIEDADE DA OBRA DA RUA ★ DIRECTOR E EDITOR: PADRE CARLOS COMPOSTO E IMPRESSO NAS ESCOLAS GRAFICAS DA CASA DO GAIATO



«OS BATATAS, COMO SEMPRE FORAM OS REIS».



FESTAS

O Monumental de Benguela não pôde levar mais gente no passado dia 4. Encheu. Muitos ficaram de fora, com pena. Alguns já reservaram bilhetes para o espectáculo do próximo ano. Outros vivem ainda na esperança de voltarmos este ano ao Monumental.

No dia 8, o Imperium do Lobito também encheu. Foram três horas de convívio familiar. Todos participámos. Todos foram actores. Os «batatinhas», como sempre, foram os «reis». Com sua graça e ternura tocaram o mais íntimo do coração de todos.

x x x

Partimos para a cidade do Luso em 11 de Agosto. Eram 18 horas quando as bagagens e um grupo de 44 elementos incluindo os nossos «batatinhas» entraram na carruagem formada em «Casa do Gaiato» que nos havia de levar através de Angola, até junto dos amigos que de longe nos vão acompanhando. Apesar da hora tardia da chegada, já na madrugada do dia 13, um grupo de

apaixonados da «Casa do Gaiato» estava presente a receber-nos. Foram cerca de 1.000 Km. de viagem.

As camas para as poucas horas de sono disponíveis, esperavam-nos também. Não é nada fácil receber um grupo tão numeroso, dando-lhe cama e mesa. Mas a caridade e amizade dos Padres Beneditinos e a dedicação de um grupo de senhoras da terra resolvem as situações mais difíceis. Foi assim connosco.

Depois, chegaram as 21 horas desse mesmo dia. O Cine Luena conheceu mais uma das suas enchentes. Se mais bilhetes houvesse mais seriam espalhados. Muitos ficaram de fora. Outros com fome de mais. Passou a 1.ª parte do espectáculo; correu a 2.ª e os «batatinhas» deliraram a assistência interessada.

A Casa do Gaiato também é do Luso e daquelas regiões. Cá vivem filhos seus. E com um «até ao ano se Deus quiser» iniciámos a viagem de regresso.

Silva Porto, que já o ano passado nos viu passar, recebeu-nos de braços abertos, na tarde do dia 15. O Seminário

Continua na QUARTA pagina

A OBRA DA RUA em MOÇAMBIQUE

Regressei há pouco da nossa Casa de Miranda onde foi, este mês, a reunião dos «padres da rua». De lá trouxemos o «Santana» que fará parte do grupo fundador da Casa de Lourenço Marques. Lá ouvimos, de P.e Zé Maria, a propósito de um engano de data, um «quem dera fôsse já 29 de Setembro para estarmos mais perto da partida!» De lá vieram fotografias de Moçambique e após o jantar fui dar com P.e Zé no seu escritório mais alguns dos seus companheiros, todos debruçados sobre elas. Durante o jantar, aparecem-me deles exibindo documentos necessários ao embarque, pelos quais tinham ido enquanto estive ausente.

Por este pequenino relato já os senhores estão vendo como Lourenço Marques é aqui caso do dia e, graças a Deus, causa de entusiasmo para os que vão.

Além do «Santana», que tem 13 anos e fez há pouco a 4.ª classe, vão mais cinco do mesmo naipe: todos prontos de Escola Primária e ainda suficientemente novos para se darem aos serviços domésticos alguns anos, antes de encetarem uma aprendizagem profissional. São eles: o Renato, que aqui tem sido desde há vários anos o chefe dos «batatas» e «estrela» das nossas Festas; o Rafael, de Setúbal, que aderiu com uma abertura admirável à ideia de ir e só pediu que para o lugar dele viesse um irmãozinho mais pequeno (Virá se Deus quiser); o Ezequiel, de Paços de Ferreira, a quem a mãe abandonou, mais aos outros dois irmãos que também são nossos; o António Augusto, do Porto, que de tanto teimar, venceu e vai também. Estas cinco caras simpáticas irão correr den-

Continua na QUARTA pagina

No dia 15 de Agosto foi a bênção da Capela. Para nós, um acontecimento solene e feliz. Que linda! dizem todos os que a sabem ver. E é. A sua presença viva no centro da Aldeia vai ajudar a educar gerações de rapazes. Não tanto, os longos discursos e o pau na mão... Sim, a beleza, o sol e condições dignas.

Há dias, um rapaz dos nossos que está na tropa, numa reunião de pessoas amigas:

— Também és gaiato?

— Desde os cinco anos — disse, juntando-lhe tal carinho no olhar que eles o olharam com carinho e respeito.

E outro:

— Desde os dezoito anos que sonho em servir a Obra; se as condições não o permitirem, ficarei triste.

Como? Sem fichas nem regra de três.

As colunas de pedra; o chão varrido; cera nos tacos; «olhe, o pneu furou», o Rabelé caiu da camioneta e partiu um braço; o António Angolano foi

MALANJE

Por Padre Telmo

rapado por se ter portado mal na oficina; o Maxinde esqueceu-se de acender a lâmpada e o Senhor esteve às escuras todo o dia... meu Deus!; o Tonito andou na apanha dos papeis e ficou tão sujo!

É nossa a bola do sol que todas as tardes se esconde nas gravíleas.

É rosa a cor das pedras do nosso campanário.

x x x

Fui por dois pequenos ao bairro da Caala. O pai, natural da Metrópole, morreu nos acontecimentos. Da mãe, há três anos que não se sabe. A avó, com quem vivia, morreu há um mês. E a tia, (uma Maria

CONTINUA NA QUARTA PAGINA

Aqui Lisboa

Numa tarde destas, junto à linha de água que divide a nossa propriedade, ao mesmo tempo que íamos observando o trabalho dos nossos Rapazes, meditávamos sobre a imensa dose de forças e sobre as inúmeras canseiras que lhes cabem na realização das inúmeras tarefas do dia a dia. No considerável volume das construções já realizado há muito trabalho e não pouco suor dos Rapazes; nas oficinas e no campo eles desdobram-se em actividades multifacetadas. Só assim tem sido possível confundir quem nos visita e se admira da desproporção entre os recursos materiais existentes e as obras efectuadas. Os nossos Rapazes, independentemente doutros aspectos, merecem bem o caldo que se lhes serve a cada refeição mais o ordenado que se lhes tributa a partir de certa idade. Eles não só levam o seu próprio fardo como ajudam a levar os fardos dos outros, numa concretização de vida dos princípios apresentados por S.

Paulo na epístola do último domingo de Agosto.

Ao contemplarmos as mãos calejadas dos nossos, do mais pequeno ao maior, não tem sido a primeira vez que lhes beijamos discretamente as mãos e agradecemos ao Senhor as normas que Pai Américo nos deixou nestas e noutras matérias. Os meninos dessorados, cabelos à beate e mãos efeminadas, que só sabem viver à custa dos outros e nada fazem, muito poderiam aprender com os nossos. Dariam, pelo menos, sentido à existência e acabariam também por merecer as cêdeas que comem. Os caboucos que temos para abrir talvez fossem campo propício para tal.

x x x

Escrevemos na nossa residência de praia, sita em S. Julião da Ericeira. Estamos sós em casa. Os Rapazes recebem, entretanto, o iodo e banham-se nas ondas serenas do mar. Somos felizes por pertencer-

mos a uma família que procura dar aos seus alguns dias de descanso merecido, tendo em mente o velho adágio latino «mens sana in corpore sano». No regresso ao Tojal esperamos as obrigações costumadas e, por isso, não nos admiramos de serem tão apêtedos os dias aqui passados.

x x x

O novo Lar é na Rua Ricardo Espírito Santo, 8-r/c D., à Estrela. Por enquanto encontra-se encerrado, à espera de Senhora capaz de o tomar à sua conta. Faltam ainda louças de mesa e de cozinha, o que não será difícil conseguir. O elemento humano é que se torna mais complicado obter, na medida em que o egoísmo é norma nos tempos que vamos vivendo. E nós não queremos frustrações, mas vocações. Não é por se ter recebido um mandado de despejo judicial que se vem para uma Obra como a nossa; não é por alguém se dar mal com os filhos que deve vir até nós; não é por amores infelizes ou por desaires de qualquer espécie que se deve, em princípio, servir os Rapazes. Isso seria um servir-se ou um arrumar-se e não um dar-se, sem compensações humanas de qualquer espécie. Que o Pai do Céu ilumine as almas com vocação para virem desinteressadamente servir os Irmãos mais pequeninos.

Padre Luís

OVO DE COLOMBO

Terminou a expedição do livro! Agora, é um mundo de cartas e postais que dariam outro «Ovo».

Manuel Pinto teve o cuidado de recolher os mais vivos depoimentos dos leitores. Como são um rol deles, porém, sinto dificuldade em seleccionar! É assim, aliás, quando as almas falam e vibram intensamente. Confundimo-nos ante a variedade e beleza da sua expressão!

Tem a palavra a Covilhã:

«Recebi e agradeço a remessa do «Ovo de Colombo».

Páginas fluentes de amor a lembrar vivamente o coração santamente generoso e apostólico do Pai Américo.

E a lembrar também a todos nós quando esquecidos andamos dos irmãos que sofrem — esquecendo-nos que o Evangelho é todo ele uma fornalha de amor que temos de viver integralmente para não atraçarmos o nosso digno nome de cristãos».

Mais Braga:

«Recebi há dias o livro «Ovo de Colombo» que muito vos agradeço e que já come-

cei a ler com todo o interesse e ao mesmo tempo comovido com tanta desgraça que vai por este nosso Portugal e que muita gente ignora. É bom que muitos vão tomando conhecimento de todas estas misérias e que possam por seu lado ir dando remédio a tantas infelicidades!

O bondoso Pai Américo procurou dar lenitivo a tantas desgraças, e lançou a semente na terra e se Deus quiser ela há-de frutificar porque é Obra de Deus e esta nunca morre! Oxalá assim seja para bem da humanidade».

Agora, Cascais:

«Recebi há dois dias o «Ovo de Colombo». Os livros de Pai Américo não têm preço como todos sabem. Todas as suas obras ou escritos ou em acção, só poderão ter pago no Céu. Mas, como sempre, quero estar presente com a minha ajuda, embora bem pequena para o meu sentir. Mas vai como posso e bem do coração. Aqui envio 50\$, certa de que chegarão ao seu destino».

E que dizer desta legenda! «Obra vossa grandiosa, mas 5 pessoas família, muitas doenças. Só 15\$ p.» «Ovo de Colombo». Sob o peso da cruz, este funcionário bancário aposentado dá uma lição de Amor — até se despojar do que lhe falta: «Só 15\$00 p.» «Ovo de Colombo». Ó legenda!

Outra carta pequenina. Outra legenda oportuna: «Para

Continua na QUARTA pagina

Em Campanhã alteração recente nos horários dos comboios retém-me um pouco mais de uma hora. Em volta é um bulício extraordinário de pessoas: uns que se deslocam neste tempo de férias em busca de liberdade que a vida citadina não oferece; outros são emigrantes que, ou chegam de visita, ou se preparam para voltar à terra que lhes dá o pão; outros, simplesmente, vão à sua vida.

Não sei bem com que nexos, a memória traz-me à superfície carta do «Russo», o Valentim, recebida há pouco. E eu penso na autêntica liberdade, carácter tão essencialmente distintivo do homem, que os homens, tantas vezes, comprometem e penhoram quando julgam que vão ao seu encontro, num caminho que afinal é alienação. É assim com muitos que fazem das férias tempo de turbilhão e de sobrecargas. É assim com muitos emigrantes que se dispersam por terras de cativo. Foi assim, e é, com o «Russo» por via da sua pressa febril de viver.

Nunca me esquecerei. Tinha ele 16 ou 17 quando me veio propor a saída. «Que estava chatiado e se sabia defender». Eu disse-lhe que não. Que podia eu responder a um desejo que sabia enganador? Passados dias repetiu a proposta; e concretizou... «Com 15\$ por dia arranjo-me. Alugo um quarto por 80\$. Compro uma máquina a petróleo e cosinho para mim. E ainda me chega para uma

Cantinho dos Rapazes

sessãozinha...!» Isto foi há seis ou sete anos. Nunca esquecerei. Decerto sorri perante tão genial programa financeiro e tentei mostrar-lhe que não era assim. Venci no momento, mas não convenci. Passados dias fugiu.

Tornei a vê-lo num regresso de África. Procurava-nos, arrastado pela necessidade. Ajudámo-lo na aquela crise e depois que dela se recompôs, nada mais soube. Só agora, por esta carta:

«Fiquei muito contente em receber seu aéro, pois nunca pensei que o fizesse de tal forma que eu pudesse sentir mais uma vez o verdadeiro carinho, e conforto, com que nos cobriam sempre que acariciam um filho, que recolhiam dentro de nossas casas.

Respondo-lhe a uma das perguntas que me fez na sua missiva, a respeito do que fazia antes de vir cumprir o serviço militar. Quero dizer-lhe que trabalhava na verdade em tipografia, mas sem resultados alguns; pois lutei muito para o fim que sempre desejei de aprender a arte, mas

infelizmente nunca pude satisfazer um patrão, derivado a não conhecer nada da arte, e a ter muita pouca prática do ofício.

E já que estou a falar na minha situação, gostava de lhe dar ao conhecimento, que quando daqui regressar não sei o que fazer de minha vida, pois se para quando cá vim me encontrava desempregado, que irei eu fazer à minha vida, se eu não sei já o pouco que sabia, e de prática então é que já não tenho nada?!

Por isso, é natural que uma vez regressado eu à Metrópole, me vejo obrigado a recorrer a outros trabalhos mais pesados para poder ganhar o pão de cada dia.

Terei na verdade bastante dificuldade em continuar o ofício, derivado a não estar à altura de trabalhar no mesmo.

Antes de para cá vir também já encontrava dificuldade em empregar-me pois não há nenhum patrão, que dê facilidades a um aprendiz que tenha vontade de aprender o ofício, pois eles querem é trabalho feito.

Eu precisava de facto que o Sr. Padre, me socorresse e me desse a facilidade de poder ser um homem dentro das artes tipográficas.

Pedindo-lhe mais uma vez, que analize o meu pormenor e que me faça alguma coisa com que

possa salvar mais um dos vossos filhos, que precisa do vosso carinho».

Ele anda agora nos 23 anos Vê as coisas a uma luz diferente. Eu não. Vi logo tudo o que ora vejo e ele diz. E não faço nenhum favor! É a idade e a própria experiência de outros casos semelhantes! Que lhe hei-de responder? Que julgais que posso responder? Por amor de vós, sobretudo por isso, eu dir-lhe-ei que não.

Se precisa do nosso carinho, não lho nego. Escrevi há pouco que «um rapaz que passou por nós, nunca mais acaba de passar». E repito-o. Nós queremos bem a todos os que são nossos e aos que foram e nos rejeitaram.

Se ele precisa, pois, do nosso carinho, tê-lo-á. Se esta fundamental ajuda lhe der asas para vencer o caminho que escolheu e resignação para aceitar as feridas que as pedras dele lhe fizeram, muito bem. Mas aos 23 ou 24 anos, quando voltar da Guiné, é tarde para vir reaprender um ofício que lhe foi aberto e que ele acreditou saber porque dele sabia apenas um a b c mal soletrado, quando se fez surdo ao que lhe dissemos e escancarou os ouvidos à voz da ilusão. Agora é tarde. Aos 23 ou 24 anos os rapazes que ainda estão nas

nossas oficinas é normal que sejam mestres, não aprendizes.

Portanto, se «regressando à Metrópole, se vir obrigado a recorrer a outros trabalhos mais pesados para poder ganhar o pão de cada dia», — graças a Deus porque tem saúde para os suportar! É simplesmente a colheita frustrada do que semeou, mal, porque não soube esperar o tempo próprio. É a cadeia em que se prende o que quis libertar-se cedo demais.

Que os de 16 ou 17 anos que também «andam chatiados e julgam saber defender-se», leiam e releiam a carta do Valentim. Ela é recheada da sabedoria que a vida lhe ensinou pelo preço amargo por que ela ensina. E no entanto há outro caminho para saber a vida, e para a possuir e para de certo modo a dominar: é aceitar a ciência que já está feita e que as gerações anteriores foram reunindo ao longo do tempo.

E que os mais velhos, os que por lá passaram já, ajudem estes irmãos mais novos a acolher a lição. E nos ajudem a nós a suportar de pé, o preço duro do portetismo que a paternidade inclui, aquele dom de ver ao longe e de pressentir o lobo, que não é apenas fruto da idade e da experiência, mas também, e sobretudo, graça de estado.



«Acabo de enviar três vales de correio de cinco mil escudos cada um, para a totalidade de 15 mil escudos reduzir à dívida que têm na quinta, isto é o que li no jornal «O Gaiato» de que sou assinante n.º 8921, para assim lembrar a quem possa fazer o mesmo, se não demorem a fazê-lo.

Desculpe a letra e os erros pois sou pessoa bastante idosa e muito esquecida.

Sem mais de V. Senhoria.
J. M.»

Que consoladora esta carta! Logo que recebi estes vales, tratei de lhes juntar um bolo



de 5 contos, que havia conseguido, migalha a migalha e fui entregar mais uma prestação de 20 contos.

Entretanto vieram chegando as ajudas com que já nos habituámos a contar, todos os meses.

Sócio de Viseu, por intermédio de D. Fernanda Valle. Sócios da Caixa de Previdência, com 63\$00. Sr. Sampaio, com

os 50\$00 mensais, sem esquecer os rebugados. Sr. Simões com 500\$00 mensais. Anónimo de Lisboa, presente todos os meses e nesta última com 200\$.

Maria Cecília e marido, de Braga, sempre com os 50\$00 mensais. 120\$00 de Coimbra. Duas notas de vinte não sei de onde. 50\$ por uma professora primária de Famalicão. Laura, de Lisboa, enviou 100\$,

em vale. R. P. A. enviou 80\$, também em vale.

De Paço de Sousa veio um vale de 500\$00, total das esmolas ali recebidas para Belém.

O «Sobrevivente do casal R. D.», há muito nosso benfeitor, enviou 50\$, pelo aniversário do falecimento da Esposa. Aproveitamos a ocasião para agradecer outras esmolas, aqui mandadas entregar por mão própria e que, por lapso, não acusámos, na devida altura. 750\$00 angariados pelas Beneditas, em Missas cantadas.

Vieram roupas e calçado de vários pontos do País.

De visitas recebemos várias esmolas, em dinheiro, roupas, calçado e bolos.

O Casal de Cursistas não nos esquece mensalmente com os costumados 250\$00. Também aqui esteve outro casal de Vi-

seu, que deixou 500 e tal escudos.

Helena, de Lisboa e amiga, passaram por aqui e puseram, discretamente, sobre a secretária, 10 notas de 500\$, para a Casa Nova. Para conseguir outro tanto, junto gota a gota, faltava-me uma nota, que veio no dia seguinte.

Assim, pude entregar mais uma prestação de 10 contos.

Permita Deus que a nossa dívida acabe de ser paga antes do fim do ano, o que ajudaria muitíssimo a resolver tantos problemas relativos ao desenvolvimento da Obra.

Como a dívida estava em 100 contos, fica agora reduzida a

100.000\$00
— 30.000\$00

70.000\$00

Inês — Belém — Viseu

PATRIMONIO DOS POBRES

A amizade de pessoas que carregam com parte da nossa carga e a necessidade de mudança de ambiente trouxe-nos por aí abaixo a passar uns dias numa vila fronteiriça do Alentejo.

A partida de casa o tempo estava de chuva e assim se manteve até Lisboa. A primeira placa do Património dos Pobres que nos apareceu (e esta gravada na pedra dum cunhal da casa) foi logo no começo da viagem. O aspecto da casa é de abandono, com vidros partidos e paredes sujas e sabemos que a família que a habita é muito incapaz. Na passagem por Almalaguês sentimos a alegria do pároco e de várias famílias a quem demos pequenas ajudas e que tem feito maravilhas.

Em Coimbra, sempre muito centro da nossa vida, avistámos as três regiões onde se situam as trinta casas, algumas delas que muito nos afligem. Nailharga de Pombal saboreámos o carinho que ordenou a entrega das suas primeiras. A direita de quem entra em Leiria está um grupo a atestar presenças de amor. Rio Maior orgulha-se de ser das primeiras a levantar o dedo e a andar para a frente. Alhandra tem agora as primeiras e dizem-me que são uma categoria de beleza e conforto.

Em Lisboa abraçámos o Dr. Manuel e Esposa que nos ofereceram uns aperitivos, tomámos rumo da ponte e seguimos para Setúbal, onde P. e Acílio nos esperava com o caldinho quase frio, mas antes serviu-nos o Senhor a refeição no Seu altar da nossa capela.

Partimos sem perda de tempo, galgando agora terras alentejanas. Em Grândola o nosso professor Crisanto, que vinha ao volante, contou-me que a única vez que vomitou foi há anos naquela terra ao entrar numa barraca de miséria onde uma família se recolhia e onde fomos levados pela mão do pároco. Em Ferreira recordei

dois bairros de latas e papéis e farrapos que há anos ali topei. Espero que as famílias ali abrigadas estejam agora todas nas casas que a Câmara e o Património construíram. No centro de Beringel passámos rentinho a um grupo delas com crianças a brincar à porta.

A saída de Beja está o bairro de Nossa Senhora da Conceição onde o grande bispo D. José deixou parte do seu coração de pastor. Em Pias lembrámos horas de há anos. Moura aparece orgulhosa do seu numeroso bairro e com a bandeira desfraldada a atestar a presença de quem começou e só parará quando todos tiverem casa. Veio depois Safara com a sua obra de anos entregue à Divina Providência. É um testemunho formidável de fé neste Alentejo que foi tão crente. Em Santo Aleixo esperavamos os braços abertos de Dr. Caldeira que tem alma e que o Senhor quer apóstolo.

Era ao escurecer quando chegámos a Barrancos. Aqui encontramos a mesma bondade e hospitalidade de sempre. Os cerros e os barrancos e a paisagem não mudaram. A vida do povo não evoluiu. Confrangemo-nos sempre a luta desta gente à procura de água, podendo as autoridades do alto resolver o problema, bastando para isso fazer menos uma festa de recepção com o banquete do costume. Informaram-nos de que trezentos homens emigram temporariamente para a França e dali trazem o sustento anual. Que pena nos faz esta falta de condições de vida para o nosso heróico povo!

Três dias depois deixámos com saudades esta gente e seguimos caminhos diferentes. Amareleja, com fama de ser a maior aldeia portuguesa, onde já escutámos típicos cantares alentejanos, continua na sua luta de subsistência a tirar à terra os seus frutos. Em Reguengos olhámos da estrada as casas do Património. Évora é sempre a noiva vestida de branco a luzir de limpa. Não

nos foi possível visitar o seu bairro do Património que é todo airoso.

Quem passa por Montemor tem de ver, dum lado e doutro, casas para famílias pobres que montemorenses levantaram e ofereceram. As casas ali são testemunho de quem vive bem e não esquece os outros. O bairro à entrada de Vendas Novas, com seu arco de porta, convidando-nos sempre a entrar e a sentir o coração grato daqueles habitantes.

Voltámos a Setúbal e dali subimos a Arrábida magestosa de panoramas e descemos a Sesimbra, passando ao lado das suas casas do Património. Tornámos a encontrar a estrada e seguimos rumo ao norte. Foram dois dias de viagem. Foi uma romaria de recordações destas bandeiras de amor levantadas em terras de Portugal. As casas do Património dos Pobres são símbolo de paz e amor. São também pedaços da minha vida.

Padre Horácio

Está em expedição o livro.

Ovo de Colombo

Se não é assinante da nossa Editorial e deseja possuir mais esta obra de Pai Américo, basta fazer o seu pedido de remessa em um simples bilhete postal.

Setúbal

Numa destas tardes de domingo vejo em cima da mesa dos chefes onde eu como, duas garrafas de vinho verde.

Então?—pergunto surpreendido. — «São do Crizanto».

— Estás de grandel... — «Foi um dos meus soldados que as trouxe e mas ofereceu».

Crizanto é aspirante e prepara o seu pelotão para sair para o Ultramar a defender a Pátria.

Há umas semanas que não bebia vinho. Desconfiei que não me fazia bem. Naquele domingo bebi. E com que sabor!

Primeiro: — A devoção do soldado pelo Crizanto! Tenho a certeza que os soldados e mais tropas à ordem do Crizanto serão seus amigos. Encontram nele um guia. No Ultramar saberá defendê-los dos inimigos da alma que o são do homem todo.

Segundo: — A devoção do rapaz pelos seus irmãos e por nós. Não as bebeu com os seus amigos. Trouxe-as para casa. Nós confraternizámos da alegria do Crizanto nascida daquela oferta.

Terceiro: — O nossos. Dantes os mais pobres; os mais caídos!... Hoje a comandar!... E que comandantes!

x x x

Chegou-nos um talão do Banco onde temos conta. Um anónimo tinha lá depositado cinco mil escudos. O Banco

mandou-nos o talão. Soube-nos a pureza do Evangelho esta dívida. Os homens teimam em correr para o exterior, para o aparato. Quantas vezes tenho sido chamado para receber, com as minhas mãos, o que é dado para esta Obra!... As vezes cheio de amargura!... Somos sérios. Gostaria que nos tratassem assim. Costumo esconder os meus olhos e também a esmola que me é dada num instinto de afirmar que «a esquerda não deve saber o que faz a direita»...

Tenho ido ao Algarve fazer peditórios e anunciar o Evangelho que prégramos aos pobres. Este ano vou lá cinco domingos. Os padres do Algarve com o Senhor Bispo à frente abriram-nos os braços: «venha padre». Soube-me tão bem ver a Igreja de braços abertos e olhos felizes num ar de convite. Não conto fábulas nem exagero os casos. Ponho a vida dos miseráveis em confronto com o desperdício de energias e de bens que naquelas praias se patenteia. Aviso também que a nossa vida, apesar do progresso que é evidente sobretudo no turismo algarvio, não é um progresso em massa. Há muita gente que não evolue nem é capaz de receber o bem que o progresso traz. Fica-se queda. Ou ainda definha mais. No Algarve há realizações que são um autêntico desafio à miséria dos nossos. Hoteis de grande envergadura onde o requinte é extremo para deleite dos grandes deste mundo, enquanto nada se faz para aqueles a quem a miséria atira cada vez mais para mais baixo.

Padre Acílio



AREIAS DO CAVACO

Continuação da PRIMEIRA pag.

pôs-nos a mesa e a cama. E os seus padres distribuíram connosco sua amizade.

O espectáculo estava marcado para a noite do dia 15. O ano passado vimos muitas cadeiras vazias no Cine Teatro. Este ano tivemos a alegria de uma casa cheia de um público que vibrou. A hora alta dessa noite foi a entrada dos «batatinhas». Vimos lágrimas nos olhos ao nosso lado a dizer bem como o espectáculo estava a ser vivido. E de alguém que muito nos quer ouvimos

esta expressão: «Obrigado por terem vindo».

É a compensação do trabalho que nos dão as nossas Festas. Elas são um número da nossa vida. Uma vida de trabalho.

A hora a que escrevemos estas linhas estamos em vésperas da sair para Novo Redondo. Entretanto aguardamos confirmação de datas para Sá da Bandeira, Ganda e Cubal.

Um bem haja para todos e até ao anos se Deus quiser.

Padre Manuel António

Malanje

Continuação da PRIMEIRA pag.

que se chama Rosa, no Céu — Santa Rosa) dava-lhe da sua fuba. Os ventres dos pequenos dizem que a fuba era pouca. O mais pequenino deixei-o no ninho de Malanje e o Ricardo veio e está feliz.

Também, neste dia, prometi ajudar uma família pobre. Depois, bati a uma porta... Ainda não desceram a atender-me. Eu espero. Hoje, bato à

tua. É terrível esta hora! Tens que decidir.

Aquela família! Os dois pequeninos! E tantos à espera que nós acabemos a sua casa de família para sessenta.

Começamos amanhã a acarretar o teijolo.

Se cada leitor me desse um, sobrava.

Visado pela

Comissão de Censura

OVO de Colombo

Cont. na SEGUNDA pagina

pagamento do «Ovo de Colombo», que vem na hora para ser lido em férias, junto um vale de 20\$00». É de Gaia.

A propósito; aqui está outra idêntica. É de Lisboa:

«O «Ovo de Colombo» ainda me apanhou em Lisboa. Felizmente, que assim aconteceu, porque assim tenho oportunidade de vos enviar a resposta devida e os especiais agradecimentos.

Vai ser mais um motivo de satisfação e de prazer espiritual, durante as minhas férias, as quais devo começar em 15 do corrente, a sua apreciação.

Obrigado e satisfeito, digovos, que fiquei.

Vou lê-lo em Caldelas.

O ambiente naquela Terra, pelo seu sossêgo e pela sua beleza natural e ainda o do Hotel, presta-se à meditação e recolha, aconselhável para tão boa leitura.

Por isso, é que vos digo, que foi oportuna a vossa lembrança, da oferta do livrinho.

Vai-me saber e bem fazer, a sua leitura».

Fiquemos, hoje, por aqui. Lembremos, no entanto, que estamos aptos a despachar livros na volta do correio. Estamos na época de férias. E que melhor companheiro que o pequenino-grande «Ovo de Colombo»?!

Júlio Mendes



TRANSPORTADO NOS AVIÕES DA T. A. P. PARA ANGOLA E MOÇAMBIQUE

Mais uma vez vimos à vossa presença, caríssimos leitores, para vos transmitir um pouco da nossa alegria.

Esta alegria é agora motivada pelos resultados finais que os nossos estudantes lograram alcançar, este ano lectivo.

O «Charrua» foi o melhor estudante da Obra, pelo que lhe foi atribuído um relógio que uma firma amiga, Pinto & Maia, generosamente lhe ofereceu. Frequentou o 1.º de Serralheiros, do curso nocturno, e passou com a excelente média de 14. Dispensou no exame de Geografia, com a média de 17. O Jorge também saboreou esta proesa. O Emiliano, o Faisca, o Lemos e o Jorge, todos do 1.º ano, conseguiram passar mas com deficiências.

O Quim, o Murta e o Campos transitaram de ano, tendo o último alcançado umas notas estupendas.

O Joaquim Manuel também lhes

SETÚBAL

seguiu o exemplo, mas com uma santa deficiência em Electricidade. Tem exame em Setembro desta disciplina e esperamos plenamente que ele aproveite.

Os liceais também tiveram êxito. O Pisco repetiu a proesa do ano passado (tirar um exame apenas num ano) e desta vez foi o 5.º de Letras.

Ele afirma que vai repetir a proesa com o 5.º de Ciências. Esperamos que o consiga.

O Alves tendo seguido os mesmos trilhos do Pisco, desta não se safou, apesar das terríveis canseiras, e... reprovou no 5.º de Ciências!

O Freixedas galgou mais um obstáculo ao tirar o 2.º ano e o Rouxinol completou o 7.º ano, com o

exame da célebre Matemática, ainda que muito pela tangente.

O Rogério, único sobrevivente no Liceu, passou mais um obstáculo embora que muito dificilmente.

Desta vez foi o 6.º, mas com duas santas deficiências (Matemática e Inglês). Esperamos que o 7.º seja melhor e também mais bem aproveitado.

Os estudantitos da Instrução primária também alcançaram êxito no exame. O esforço soube-lhes bem e tiveram uns prémios excelentes.

Novatos? Sim, temos um. É o Carlos Alberto. Expressimos os votos sinceros para que ele seja bem sucedido e para que se dê bem nas nossas fileiras. Vai para o 1.º Comercial e a papelada já está em andamento. É preciso que a livrada, em Outubro, também entre em funcionamento, senão....

Rogério

PELAS CASAS DO GAIATO

CALVÁRIO

Festas ou... — Será clamar no deserto... No entanto não queremos deixar de afirmar nestas colunas um facto que faz vir a lume em muitas ocasiões em jornais e revistas. É um mal de que se lê e que se fala. Se nas grandes cidades se barafusta com tal estado de coisas pedindo providência... Também nós somos lesados, embora em menos escala.

Festas com sentido e sem este, «cantorios», como se diz para estes lados, etc. Tudo isto serve para «gramarmos» alti-falantes, seja dia ou altas horas da noite.

Pela parte que me diz respeito não sou contra qualquer género de festas... mas, ai o barulho!...

Mas não deixa de ser certo que há uma forma de haver festa sem causar aborrecimentos e por vezes insónias com tal proceder.

Há quem afirme que os foguetes e os aparelhos sonoros servem para anunciar esta ou aquela festa... E pior do que isso para «festejar» a chegada de algum militar que andou em missão de serviço no Ultramar.

Poder-me-ão retorquir que isto não passa de episódios isolados... Se tal fosse, não havia tanta gente a clamar contra isto...

Até gente que organiza estas manifestações estarão de acordo...

pois se estivessem nas condições em que estamos aqui no «Calvário» seriam do mesmo pensar.

Se os Hospitais têm nas imediações sinais de moderação em manifestações ruidosas, nós cremos que há muita razão nessas precauções!

Já alguém pensou nisso em relação a nós? Mas embora fosse um sinal útil em relação aos «amigos do

escape», para os «inimigos do silêncio» isso não chega...

Embora sem credenciais em tais assuntos, nós sentimos como uma coisa indispensável ao nosso bem estar físico emoral, que as pessoas competentes e de boa vontade poderão fazer algo. Pensarão que apesar da nossa situação não sentimos como pessoas sãs?!

Manuel Simões



Aqui está o Paulo, filho do Constantino, que foi de Paço de Sousa.

A OBRA DA RUA em Moçambique

Cont. da PRIMEIRA página

tro em pouco as ruas de Lourenço Marques, apregoando «O Gaiato». Se Benguela e Lobito consomem 2.000 jornais no seu alimento quinzenal, não queiras ficar por menos ó linda capital do Índico!

Com estes cinco vão outros tantos, estes mais velhos e já oficiais de seu ofício: O Pinho, aqui sub-chefe, vai como mestre da sapataria; o Bino é o alfaiate-mor; o Américo, lavrador e tractorista, a menos que não perca a mania das velocidades e, consequentemente, a confiança necessária para se lhe entregar um tractor; o Zé Alberto, carpinteiro ajudante; e o Américo (Apresento-o no diminutivo só para distinguir do Américo do campo) ao qual se confiam os cargos administrativos e de «pião das nicas». Aliás, de

princípio, todos o serão um pouco. Já se disse e repetir-se-à a estes excelentes profissionais que no princípio teremos de ser «pau para toda a colher» e só na fase seguinte, de mais organização, cada um será chamado a ocupar-se mais exclusivamente da sua especialidade.

A coadjuvar P.e Zé Maria (Todos perceberam já ser ele o Pai de Família em Lourenço Marques!) vai Quim carpinteiro, a quem desde o regresso da tropa entregámos o pelouro das obras em Paço de Sousa, justamente para que se fôsse adestrando de modo a poder ocupar-se da responsabilidades delas, das muitas que hão-de ser com a construção da Aldeia a empreender. E como o Quim é casado e pai dum amoroso casalinho, é evidente que farão parte da equipe mãe Elisa, Nuno e Cristina.

Irá também uma senhora, que de longe aspirou a este dia, tão de longe que foi ainda Pai Américo quem aceitou o seu desejo, o qual só agora as contrariedades dos homens permitem realizar.

Lá esperar-nos-à o Júlio Coelho mais os seus, o qual, tendo ido pela mão de Pai Américo para o Xai-Xai há 14 anos, viveu sempre a sua vida na lavoura e quer agora pôr ao serviço da Obra a experiência adquirida e a vontade de retribuir o que naquele tempo Pai Américo fez por ele.

Aqui temos, pois, o elenco da equipa fundadora. Estes serão o núcleo em torno do qual se há-de enovelar a grande Família de Lourenço Marques. Que a todos eles encha a mística de fermento e o Senhor lhes não falte com a generosidade necessária para se perderem na massa que hão-de levedar!